

Índice geral

7 Agradecimentos

Leituras monásticas femininas em Arouca

- 11 I. Estudo introdutório: um texto singular
- 21 II. Edição do texto – Critérios de transcrição
- 23 III. Edição parcialmente modernizada do texto
- 73 Anexo I. Edição semi-diplomática do texto
- 103 Anexo II – Imagens
- 105 Anexo III. Índice das *Festas* e *Vidas de Santos* referidas no manuscrito
- 109 Índice onomástico (estudo e texto – ed. modernizada)

I. Estudo introdutório: um texto singular

O desejo e a importância de conhecer o universo cultural e, muito especialmente, o que liam as monjas nos mosteiros portugueses têm suscitado, sobretudo nas últimas décadas, diversos e muito interessantes trabalhos, fundamentalmente académicos, baseados na sua maioria no estudo dos catálogos das respetivas «livrarias», em especial os que foram elaborados por ordem da Real Mesa Censória ou aquando do processo de exclaustração ou extinção de mosteiros e conventos¹. São trabalhos que, entre outras finalidades, buscam aproximações aos possíveis usos desses livros, trabalhos esses que com frequência recorrem a outros tipos de fontes sobre as características ou modos de vida em cada mosteiro. Contudo, poucas são as informações precisas ou concretas desses inventários sobre as reais leituras e, sobretudo, sobre o seu alcance na globalidade da comunidade religiosa.

No caso do Mosteiro de Arouca, os estudos sobre os livros impressos (e mesmo sobre alguns manuscritos) aí existentes eram, até há pouco tempo, praticamente inexistentes e, não por acaso, já há alguns anos Aires do Nascimento alertou para esse facto². Não é conhecido qualquer catálogo que possa ter sido elaborado por ordem da Real Mesa Censória, talvez devido à

¹ A bibliografia sobre bibliotecas monásticas portuguesas é já significativamente vasta e, por isso, impossível de resumir aqui. Realço aqui quatro estudos complementares que incidem sobre bibliotecas monásticas ou conventuais femininas: José Adriano de F. Carvalho, «Breves notas a propósito de algumas livrarias da Exclaustração» e «Que fazer com um inventário da livraria de um mosteiro feminino dos fins do século XIX? Meditações à volta de títulos e preços». *De livros e de livrarias*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, 2024, pp. 107-135 e 137-204; Maria Fernanda Campos, *Para se achar facilmente o que se busca: Bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (século XVIII)*. Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio. 2015; Paulo S. J. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer». *Lusitânia Sacra*, 24, 2011, 125-152; Isabel Morujão, «Livros e leituras na clausura feminina de setecentos». *Revista da Faculdade de letras – Línguas e Literaturas*, XIX, 2002, 111-170.

² Aires A. Nascimento, «Livros e tradições hispânicas no mosteiro cisterciense de Arouca. In *Escritos dedicados a José María Fernández Catón*. León: Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro», Archivo Histórico Diocesano, vol. II, 1041-1058, esp. 1041-42.

conhecida autonomia (que era poder) deste mosteiro. Também não se conhece o que terá sido elaborado aquando da morte da última monja, muito embora a sua execução tenha sido ordenada³. Mas o facto de terem sido guardados no mosteiro, ao cuidado da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda (RIRSMA), os livros – ou grande parte deles – impressos e manuscritos permitiu a manutenção da sua identidade, a sua valorização⁴, inventariação, acomodação adequada e a elaboração de um catálogo digital⁵, assim como a publicação de um primeiro estudo introdutório que procurou dar-lhe uma organização temática e diacrónica⁶. Como nele já formulado, espera-se que venha a ser alargado e aprofundado com outros estudos elaborados por distintos investigadores, para que possamos compreender melhor, evitando generalizações e simplificações, a importância da(s) leitura(s) neste mosteiro e a influência que a sua prática teve, ou pode ter tido, nos modos de vida, nos gostos, nas práticas quotidianas e na espiritualidade, coletiva ou individual, das monjas – e nas suas escolhas artísticas também, como o revela a coleção de pintura, de escultura e de ourivesaria do Museu de Arte Sacra de Arouca (MASA). A acessibilidade ao catálogo digital desses livros e o seu estudo global não dispensa, naturalmente, novos trabalhos de investigação baseados em factos e testemunhos que permitam não só aproximações – porque sempre o serão –, como também interpretações neles fundamentadas e tão objetivas quanto possível.

Tendo em visto o alargamento dessa investigação – que o conhecimento sempre exige –, o trabalho de pesquisa e leitura crítica que aqui se apresenta pretende divulgar, a distintos públicos, o conteúdo de um interessante livro manuscrito que, apesar de uma transcrição de Manuel R. Simões Junior nos idos anos 50 – uma transcrição publicada em fascículos no jornal *Defesa de Arouca*⁷ – não vi ainda referido ou explorado em outros estudos posteriores.

³ Deste aspeto me ocupei no estudo sobre *Cultura Escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina (séculos XV-XVIII)*. A «livraria» do Mosteiro de Arouca, O. Cister. Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, 2023, pp. 17-24.

⁴ Graças à visão e ao zelo do Professor e Cônego Arnaldo de Pinho, a quem deixo aqui uma homenagem pela atenção que sempre dispensou ao acervo documental do Mosteiro.

⁵ No âmbito de um projeto apresentado pela RIRSMA à FCG de cujo financiamento, em 2015, resultou a parceria com o CESEM-UNL e subsequente disponibilização de um catálogo em linha: <https://arouca.fcsh.unl.pt/>

⁶ Maria de Lurdes C. Fernandes, *Cultura Escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina (séculos XV-XVIII)*. Ob. cit.

⁷ Manuel R. Simões Junior, «Leitura», *Defesa de Arouca*, reed. vol. CDV-CDXVI, 13.2.98 a 19.6.98.

Trata-se do manuscrito nº 47 (segundo inventariação de 2015) do Mosteiro de Arouca que, ao que tudo indica, datará de meados do século XVIII – seguramente posterior a 1744, data da edição setecentista do segundo tomo do *Flos Sanctorum* de Fr. Diogo do Rosário, muito usado e referido neste manuscrito como *Flos Santorum novo*. Mas poderá ter existido um manuscrito anterior, da segunda metade do século XVII, porque é várias vezes referida a paginação da edição do *Flos Sanctorum* do mesmo autor impressa em Lisboa, em 1647. Em várias passagens, à paginação desta edição é acrescentada uma nova, com outra letra ou, mesmo, com a referência ao «novo» (que a paginação confirma ser a da edição de 1741-1744, 2 tomos).

O manuscrito 47 tem estado à guarda da referida Irmandade e inclui também importantes referências a outros livros manuscritos entretanto localizados, nomeadamente os Ms. 47-A e 47-B (que merecem – e pedem – estudo autónomo, inclusive das suas fontes). O manuscrito nº 47 está classificado no catálogo digital como «Lecionário», mas é, ainda assim, diferente deste tipo de livros, porque não transcreve integralmente os textos que deviam ser lidos seguindo a ordem do calendário litúrgico, embora os identifique com precisão, pois apenas remete para as passagens das obras (de diverso tipo) que, no refeitório – ao «jantar» (hoje almoço) e à «ceia» (hoje jantar) –, deviam ser selecionadas e quotidianamente lidas em voz alta.

Este documento apresenta um conjunto significativo de características que aqui se resumem: está encadernado em papel sobre cartão, é composto por 49 folhas com dimensões de 29,3 × 19,5 cm, a que correspondem 35 folhas com este texto + 10 folhas em branco + 2 folhas no final com o «Regimento das meditações da Caresma» (3 páginas). Falta a folha de rosto e por isso a numeração começa na folha 2r e termina na folha 49r. A parte relativa às leituras dos evangelhos inclui, na margem, a abreviatura do livro e capítulo de cada passagem da *Vita Christi* referida por extenso no texto: exemplo – Liv. 1º cap. 1; Liv. 1º cap. 2, etc., com o claro objetivo de facilitar a localização das passagens na obra. Por não ter qualquer informação adicional ao texto, omito nesta edição essas notas laterais, as únicas, aliás, que este manuscrito contém.

O manuscrito é anónimo e também não está datado. Tem uma letra muito legível, no essencial de uma só mão, embora inclua, em algumas referências às obras a ler, indicações de edição ou de paginação de letra claramente diferente da do texto original. Este tem uma apresentação límpida e praticamente sem correções ou hesitações, o que talvez sugira ser cópia de um texto anterior... Neste momento apenas se pode supor, haverá que continuar a investigar.

Além disso, o facto de ser um texto anónimo e de ter uma significativa precisão na identificação dos textos ou passagens a ler – como adiante se evidenciará – remete para um domínio “culto” e muito experiente desses textos, com conhecimento dos seus sentidos teológico-devocionais ou de orientação espiritual. Por este facto, poder-se-á apontar mais para «mão» masculina do que feminina? De um membro da Congregação de Alcobaça? De um dos padres ou confessores do mosteiro? Ou detinham algumas monjas deste mosteiro um conhecimento e consequente domínio muito preciso – e seletivo – dos textos que são identificados para leitura no refeitório, ou seja, para a generalidade das monjas? Talvez uma investigação mais aturada de muitos manuscritos dos séculos XVIII e XIX ainda guardados pela RIRSMA ou existentes em bibliotecas e arquivos que receberam documentos do Mosteiro de Arouca possa vir trazer alguma luz sobre a origem – institucional e autoral – ou sobre motivações para a elaboração deste livro manuscrito e de outros textos – em “cadernos” ou em formato de livro – que com ele se relacionam diretamente. Ainda assim, a falta da identificação da origem não diminui o interesse da sua divulgação. Antes evidencia práticas de leitura que se foram mantendo ao longo dos tempos, como se o tempo religioso e espiritual de âmbito coletivo assentasse em constantes que conviviam facilmente com outras leituras ou renovadas obras.

No que diz respeito ao tipo de textos a ler às refeições, num primeiro momento não se me afiguraram muito grandes as surpresas do manuscrito, já que ele mantém a centralidade dos evangelhos (comentados), das vidas de santos e crónicas monásticas, textos de leitura habitual nestes ambientes religiosos e culturais – apesar da proibição da Bíblia em vernáculo... Mas as obras concretas para que remete, a seleção que delas faz e algumas indicações precisas dessa seleção, não sendo propriamente surpreendentes, são relevantes e muito ilustrativas da cultura religiosa e do ambiente espiritual que se pretendia manter ou criar, pelo menos, neste mosteiro.

Em primeiro lugar, merece destaque o facto de revelar a manutenção – ainda nesse século XVIII! – do uso sistemático da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia (ou Cartusiano), na sua tradução portuguesa impressa com o patrocínio de D. João II e de D. Leonor, sua mulher, em 1495, em 4 volumes⁸. Vários

⁸ A obra foi impressa em Lisboa por Valentim Fernandes, em 1495, em 4 tomos (começando pelo quarto). Sobre a importância da tradução – melhor, traduções – desta obra de Ludolfo Cartusiano em Portugal desde o século XV e sua presença, em cópias manuscritas, em diversos mosteiros cistercienses (além de Alcobaça também Lorvão e Odivelas), veja-se, em especial, o estudo de Aires A. Nascimento, «A tradição portuguesa da *Vita*

outros textos, posteriores a esta edição da *Vita Christi*, difundiam os *Evangelhos* em vernáculo, comentados e explicados com glosas ou sermões... É notável que, apesar dos três séculos volvidos, este incunábulo continuasse a ser livro de leitura quotidiana neste mosteiro, onde existiram, pelo menos, dois exemplares⁹. Hoje apenas se conserva aí o Tomo IV de um deles (incunábulo 002), mas que é especialmente interessante por estar amplamente anotado – facto que bem justificaria também um estudo filológico... Ou seja, trata-se de um incunábulo que não foi preservado apenas como mais um livro ou como património material, mas que serviu de facto para a formação da cultura bíblico-patristica e religiosa desta comunidade feminina, o mesmo é dizer, também como património simbólico ou imaterial constitutivo da identidade cultural deste mosteiro. E não foi substituído por uma edição estrangeira posterior da mesma obra (e muitas houve, não só em latim, mas também em outras línguas europeias, nomeadamente em castelhano¹⁰). Prova bem esse uso neste mosteiro – pelo menos – a remissão muito precisa para as passagens da edição de 1495 que deviam ser lidas quase diariamente¹¹ pela ordem do calendário litúrgico. Mais interessante ainda: num dos exemplares da Biblioteca Nacional

Christi de Ludolfo da Saxónia. Obra de príncipes em “serviço de Nosso Senhor e proveito comum”», *Didascália* XXIX (1999), 563-587, em que inclui resenha da bibliografia publicada até então, assim como o estudo linguístico de Esperança Caldeira e Sílvio Toledo Neto, «Entre o manuscrito e o impresso: a *Vita Christi* como testemunho de mudança linguística». In J.P. Chauveau & I. Marcello, *Actes du XXVIIe Congrès International de linguistique et de philologie romanes*, Section B, Nancy: ATILF, 2016, pp. 53-65, disponível em linha: https://www.academia.edu/28746118/Entre_o_manuscrito_e_o_impresso_Vita_Christi_pdf?email_work_card=thumbnail. Sobre a importância da obra no contexto da espiritualidade portuguesa do século XV e inícios do XVI, continuam relevantes as notas de J. S. Silva Dias, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal – séculos XVI a XVIII*. Coimbra: Imp. Da Universidade, 1960, Tomo I, pp. 252-254.

⁹ Simões Junior, «Monografia de Arouca». *Defesa de Arouca*, cit., CCXLI de 16.7.93: «Teve este Mosteiro dois exemplares da *Vita Christi*, mas um foi requisitado pelo Mosteiro de Alcobaça...». Não sabemos quando ocorreu essa «requisição». Mas o exemplar da BNP tem, nos pertences, a referência ao Mosteiro de Alcobaça (cuja livraria foi, como é sabido, levada para lá depois da exclaustração).

¹⁰ A tradução castelhana foi encomendada pelos Reis Católicos ao franciscano Ambrosio Montesino e a sua impressão foi entregue pelo Cardeal Cisneros a Estanislao Polono, o célebre impressor de Sevilha até 1500 e que, para o efeito, instalou tipografia em Alcalá de Henares, onde saiu a *Vita Christi* em 1502 (ou seja, 7 anos depois da impressão da tradução Portuguesa em Lisboa). A própria Biblioteca Nacional de Portugal conserva múltiplas de edições distintas, especialmente do século XVI, e adaptações posteriores.

¹¹ Na edição que adiante apresento estão todas identificadas em nota.

de Portugal¹², o 4º volume (sobretudo) também tem anotações de diversas passagens que coincidem, claramente, com as que o autor deste texto manuscrito seleciona para serem lidas... As marcas de posse do exemplar da BNP incluem Alcobaça, onde, aliás, foi feita, no século XV, uma tradução portuguesa da obra original em latim por Fr. Bernardo de Alcobaça¹³. Será o manuscrito arouquense n.º 47 uma cópia de um anterior documento remetido pela Congregação de Alcobaça para outros mosteiros cistercienses? Se o foi, estará parcialmente clarificada a primeira dúvida, acima levantada, sobre a origem do texto. E, nesse caso, terá seguido apenas para os femininos ou também para os masculinos? E em que datas? Dúvidas que deixo para uma pesquisa ainda em aberto, que é também desafio para os investigadores que conhecem bem o fundo alcobacense...

Em segundo lugar, a existência de diversas edições de *Flores Sanctorum* – *Florilégios de vidas de santos* –, atestando a importância que a hagiografia e, mais concretamente, este tipo de compilações de vidas de santos – de larga tradição medieval, como é bem sabido – mantinham nestes finais da Época Moderna, em que o santoral, acompanhando a revalorização tridentina e católica do culto dos santos, detinha também uma importante centralidade. Merece especial destaque o famoso *Flos Sanctorum* de (ou revisto e acrescentado por) Fr. Diogo do Rosário, OP.¹⁴, impresso pela primeira vez no século XVI em Braga, por Antonio de Mariz, em 1567 – por indicação de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires –, reeditado em Lisboa, por António Craesbeeck de Mello, em 1581 e, novamente, numa edição revista e acrescentada, também em Lisboa, por António Ribeiro, em 1585, a que se seguiram diversas edições revistas e aumentadas ou corrigidas nos séculos XVII, XVIII e XIX¹⁵. As duas edições

¹² Disponível em linha: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/records/item/69867-vita-christi?offset=10>

¹³ Veja-se o conhecido manuscrito alcobacense com a cota ALC 433 da BNP e, entre os estudos que dele têm sido feitos, especialmente os de Mário Martins, «A versão portuguesa da “Vita Christi” e os seus problemas». In *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1957, pp. 105-110 e os de Aires do Nascimento, «A tradução portuguesa da *Vita Christi* de Ludolfo da Saxonia: obra de príncipes em «serviço de Nosso Senhor e proveito comum». *Didaskalia* XXIX (1999), 563-587 e *Idem*, «A Vita Christi de Ludolfo de Saxónia, em português: percursos da tradução e seu presumível responsável». *EVPHROSYNE* 29 (2001), 125-142.

¹⁴ Sobre a obra veja-se Cristina M. Sobral, «Um legendário à saída de Trento (Fr. Diogo do Rosário, 1567)», *Studia Aurea*, 1, 2017: 253-272.

¹⁵ A edição de Lisboa, por António Craesbeeck de Mello, 1581, está acessível em linha: <https://archive.org/details/flossanctorumhisoorosa/page/n9/mode/2up>, assim como

deste *Flos Sanctorum* usadas pelo autor ou autora do manuscrito são, como se evidenciará nas notas de rodapé, as edições feitas em Lisboa, uma por João Rodrigues, em 1647 – mencionada apenas como *Flos Sanctorum* ou como *Flos Sanctorum velho* – e outra, largamente revista e acrescentada, incluindo passagens ou adições da obra homónima do jesuíta Pedro de Ribadeneira, também em Lisboa, em dois tomos, em 1741 e 1744¹⁶, referida como *Flos Sanctorum novo*. Por diversas vezes é riscada a folha/página da edição de 1647 e acrescentada a da edição de 1741-1744. Essa correção do número da página em diversos casos parece comprovar que, numa significativa parte das «vidas», foi preferida a versão anterior e, mais frequentemente, a “recente” do *Flos Sanctorum* de Fr. Diogo do Rosário, ou seja, o «*Flos Santorum novo*». Algumas «vidas», ou deixaram de figurar nesta edição, ou o/a autor/a preferiu a versão anterior. As anotações que incluí entre parêntesis retos e nas notas de rodapé dão conta dessas preferências.

Também logra destaque significativo o *Flos Sanctorum* de Alonso de Villegas, obra composta de 6 partes, com diversas edições em Espanha a partir de 1578 (1º volume) e com tradução em português, em duas edições, ambas em Lisboa, primeiro por Simão Lopes, em 1598 e, posteriormente, por Pedro Craesbeeck, em 1605¹⁷. É esta segunda edição da tradução portuguesa que é usada pelo/a autor/a deste manuscrito e aparece sempre referida neste manuscrito como «o Vilhegas», nome aportuguesado como consta da tradução portuguesa. Esta edição não consta das obras que se guardam ainda hoje no Mosteiro, mas apenas existe aí o 2º volume – o que narra a vida de Nossa Senhora e dos santos do Antigo Testamento – de uma das edições espanholas deste *Flos Sanctorum*¹⁸.

Além destas duas obras hagiográficas impressas em diversas edições, são mencionados também livros manuscritos – referidos como «livro» ou

a edição revista e acrescentada, também em Lisboa, por António Ribeiro, 1585: <https://purl.pt/14884>).

¹⁶ Talvez seja a edição – que não pude localizar no mosteiro – que é referida na «Copia do Auto de Posse conferida á Irmandade da Rainha Santa Mafalda dos objectos que lhe foram concedidos pela lei de 26 de Junho de 1889, cuja posse se effectuou em 4 de Março de 1890 ...» transcrita em M^a de Lurdes C. Fernandes, *Cultura escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina* [...], ob. cit., pp. 177-193, esp. p. 187: «Dois volumes do *Flos Sanctorum*».

¹⁷ Exemplares digitalizados pela BNP e acessíveis em linha, respetivamente, <https://purl.pt/27098> e <https://purl.pt/42595>.

¹⁸ Obra que descrevi em *Cultura Escrita*, ob. cit., Anexo I, nº 168 (p. 139).

«caderno» «encadernado em pasta» guardado(s) pela cantora –, que contém diversas «vidas» de santos, redigidas/copiadas por várias mãos, porque provinham de cadernos autónomos. Desses «livros» existem ainda, pelo menos, dois exemplares «à guarda» da RIRSMA, referidos como Ms 47-A e 47-B. Identifico esses «cadernos» ou «vidas» concretas nas notas às passagens do manuscrito que as referem. O estudo futuro do seu conteúdo – com eventual edição – permitirá certamente a identificação das suas fontes, ou de algumas delas.

Em terceiro lugar, o conhecimento e uso de diversas crónicas das ordens religiosas, não só de Cister¹⁹, mas também dos franciscanos e dominicanos²⁰, sobretudo para as biografias de santos das respetivas ordens e de religiosos com fama de santidade nelas narradas. Aliás, a importância dada aos santos – e às santas, canonizadas ou com fama de santidade, a começar pela «Rainha Santa» – da ordem de Cister está bem patente no rico conjunto de esculturas em pedra de ançã, da autoria de Jacinto Vieira²¹, que adornam o coro e a nave da igreja do Mosteiro de Arouca: só no coro, além de Mafalda, as santas Umbelina, Franca, Gertrudes, Edvige, Aldegundes, Lutgarda, Escolástica e Juliana.

O documento foi organizado de acordo com o calendário litúrgico, começando, naturalmente, no Advento, e pretendeu oferecer seleções e orientações de leitura quotidiana e coletiva que revelam, por um lado, a importância que mantinha a leitura dos evangelhos comentada e explicada, sobretudo nos seus sentidos simbólico e anagógico, por autores e exegetas medievais – nomeadamente São Jerónimo (m. 420), Santo Agostinho (m. 430), Venerável Beda (m. 735), São João Crisóstomo (m. 407), Santo Anselmo (m. 1109), São Bernardo (m. 1153), entre outros – e, por outro, a relevância da hagiografia na construção dos modelos de vida monástica e espiritual. Não é demais acentuar o facto de ser uma leitura em voz alta e ouvida, em simultâneo, por todas as monjas ao «jantar» e à «ceia». Ou seja, através da audição, todas “liam” estes textos... As obras e passagens que deviam ser lidas estão claramente identificadas ou são facilmente identificáveis – e os respetivos livros existiam todos no

¹⁹ A *Crónica de Cister* de Fr. Bernardo de Brito, na versão revista de 1720 – que também não logrei localizar ainda, mas que é citada no Ms 47 –, deve ser a que é referida no mesmo «Auto de posse», p. 187: «um exemplar da Chronica de Cister».

²⁰ Identificadas em nota de rodapé.

²¹ Sobre este escultor, veja-se Sandra Costa Saldanha, «De “singular idea, e engenho” Novos dados sobre o escultor setecentista Jacinto Vieira», *Revista MVSEV*, IV série, n.º 21 (2014), 43-60.

mosteiro. Alguns ainda aí permanecem²², outras ainda lá existiam em finais do século XIX ou primeira metade do século XX²³. Se tivermos em conta a importância que tem a «livraria» do mosteiro, hoje inventariada e minimamente estudada, o conhecimento deste manuscrito 47 e das orientações que contém traz novas luzes sobre a cultura religiosa que enformou a vida monástica durante séculos, permitindo conhecer melhor, matizar e, mesmo, evitar simplificações ou generalizações sobre as leituras no mosteiro e, consequentemente, sobre a sua influência na vida quotidiana, espiritual e moral, das monjas.

O manuscrito inclui ainda, no final e depois de 10 folhas em branco, três páginas contendo um «Regimento das meditações da Caresma», baseadas, todas elas, em passagens do quarto tomo da *Vita Christi*, dedicado à Paixão de Cristo. Curiosamente, as passagens selecionadas estão – como tantas outras que fomos identificando – assinaladas com «estrela», ou seja, com um sinal que realça essas «meditações». O último parágrafo do manuscrito explica, de certo modo, esse realce ao afirmar que «Estas meditações estão partidas de estrela²⁴, a estrela para escolherem o melhor, e as orações que se dizem estão pelo meio metidas, mas algũas não têm oração, e escolham o que melhor lhe parecer». Uma orientação não restritiva da leitura e meditação, mas apenas guia das leituras... A «estrela» facilitava o foco, mas não impedia outras escolhas.

Como bem o mostravam já as passagens (as mais extensas) sobre o tempo da Quaresma na primeira parte do manuscrito, este «Regimento das meditações da caresma», que significativamente o encerra, confirma o quanto o tema da Paixão continuava a influenciar fortemente a espiritualidade monástica feminina, pelo menos em Arouca. Diversas obras do Museu de Arte Sacra confirmam essa presença na vivência espiritual deste mosteiro, em especial várias pinturas e esculturas, de que são exemplo as imagens de Cristo Morto, de Cristo crucificado, do Senhor dos Passos, do *Ecce Homo*, os painéis de políptico Prisão de Cristo, Jesus escarnecido e Cristo a caminho do calvário, assim como a significativa quantidade de crucifixos. É uma presença que não ofusca a também muito forte devoção mariana, atestada pela diversidade de pinturas e esculturas de Nossa Senhora existentes no MASA, e a da infância de Cristo,

²² Como se pode confirmar cotejando-os com a sua identificação no estudo *Cultura escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina*, ob. cit., Anexo I, pp. 85-159.

²³ Conforme dados constantes da citada «Copia do Auto de Posse conferida á Irmandade da Rainha Santa Mafalda [...]». In *Cultura escrita* [...], ob. cit., pp. 177-193.

²⁴ O exemplar da BNP acima referido também contém várias “estrelas” e outras anotações.

que se completa com as devoções a santos e santas da especial afeição de algumas monjas. Pela diversidade de dados que adiante se disponibilizam, nomeadamente nas notas de rodapé, haverá que revisitar toda a coleção do Museu de Arte Sacra de Arouca à luz das leituras que, quotidianamente, todas as monjas ouviam, porque muitas pistas se abrirão sobre os significados, se não da maioria das obras de arte, pelo menos de grande parte delas, assim como das devoções a elas ligadas. Quem percorrer a estatuária do Museu e tiver presente o texto deste manuscrito facilmente verá que a maioria das esculturas representa figuras de santos cuja vida era lida (ouvida ler) às refeições. Várias das pinturas também, embora nestas os temas bíblicos sejam mais frequentes. E algumas das devoções especiais ou particulares de diversas monjas à Virgem, a Cristo ou a santos conduziram à construção de altares, à promoção de irmandades ou de confrarias na época e estão também testemunhadas, ou nas capelas e altares que se mantêm no local original, ou nas imagens que passaram para os espaços do Museu. Diversos documentos manuscritos ao cuidado da RIRSMA fornecem informações que confirmam essa ligação e que bem merecem leituras e análises especializadas.

Por tudo isto, entendemos ser relevante a publicação comentada deste Ms 47 com os objetivos de o tornar acessível a diversos públicos, de com ele potenciar novas pesquisas e novos olhares sobre o quotidiano religioso desta comunidade cisterciense feminina – e, possivelmente, de outras comunidades religiosas do seu tempo – e de contribuir para o conhecimento do complexo mundo das leituras de textos que circulavam em distintos contextos religiosos e sociais. A compreensão do legado cultural do mosteiro de Arouca e dos sentidos que nele hoje se buscam pode beneficiar grandemente das informações deste manuscrito.